

A TRANSITORIEDADE DAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM BYUNG CHUL HAN E A FORMAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL: reflexões acerca da rotina de graduandos inseridos nas relações de trabalho

Eduardo Antônio Soares Lima¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar de que maneira a Formação acadêmica de estudantes de Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA) é impactada pelas mudanças no mundo do trabalho na contemporaneidade, utilizando-se da categoria Transitoriedade conforme descrito na obra “Sociedade do Cansaço” (2017) de Byung-Chul Han. Para a pesquisa, utilizou-se uma abordagem qualitativa, realizando a coleta de dados através da aplicação de um questionário aberto semi-estruturado com seis estudantes. Observou-se que a maioria das(os) discentes consideram-se inseridas(os) em uma sociedade exaustiva e coercitiva, reagindo com ansiedade e medo às incertezas das disposições sociais pós-modernas, o que impacta diretamente suas graduações.

Palavras-chave: Serviço Social, Formação, Transitoriedade.

Abstract: This paper aims to investigate how the academic education of Social Work students at the Federal University of Pará (UFPA) is impacted by the changes in the contemporary world of work, using the category of Transitoriness as described in Byung-Chul Han's work The Burnout Society (2017). A qualitative approach was used for the research, collecting data through the application of a semi-structured open questionnaire with the six students. It was observed that most of the students consider themselves to be part of an exhausting and coercive society, reacting with anxiety and fear to the uncertainties of postmodern social conditions, which directly impacts their education.

Keyword: Social Work, Education, Transitoriness.

1. INTRODUÇÃO

Byung-Chul Han (Seul, 1959), filósofo e professor na Universidade de Artes de Berlim, publicou em 2010 a obra *Sociedade do Cansaço*, na qual analisa a transição da

Sociedade Disciplinar, conforme abordada por Foucault (1987), para uma Sociedade do Desempenho. Nesse novo contexto, a exploração do trabalho, antes imposta como parte da lógica de reprodução social do capitalismo através da imposição

¹Graduando de Serviço Social, Universidade Federal do Pará, eduardo.antonio4001@gmail.com.

direta, torna-se autoimposta por meio de sutis mecanismos de dominação ideológica e psicossocial, dentre os quais cabe destacar as mídias sociais e o marketing.

Para Han, a liberdade contemporânea é coercitiva, embora a mesma não se apresente como tal. A alienação ideológica compõe gradualmente um sentimento positivo no subconsciente coletivo em relação a conceitos como "desempenho", "produção" e "sucesso". As amarras do capitalismo se reinventam continuamente, e a ainda que a exploração disfarçada de liberdade se demonstre mais palatável e indistinta, perpetua-se de forma igualmente violenta e degradante. Segundo o autor:

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade do desempenho. Seus habitantes não são mais sujeitos da obediência, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (Han, 2017, p. 23)².

Tratando-se da categoria Transitoriedade, o mesmo afirma que:

A perda moderna da fé, que não diz respeito apenas a Deus e ao além, mas à própria realidade, torna a vida humana radicalmente transitória. Jamais foi tão transitória como hoje (Han, 2017, p. 44).

O processo descrito transformaria as relações sociais conforme a seguinte observação: "o hipercapitalismo atual dissolve totalmente a existência humana em uma rede de relações comerciais" (Han, p. 127, 2017) e assim, teoricamente, o indivíduo se voltaria à familiaridade comum dentro da organização social disposta: o trabalho e a busca por desempenho.

A obra de Han levanta questões universais, mas deve-se ressaltar que sua perspectiva não pode ser tomada como verdade absoluta. Deste modo, podemos investigar se, caso aplicadas suas noções sobre a transitoriedade da vida contemporânea afetam a formação acadêmica em Serviço Social dos discentes da Universidade Federal do Pará (UFPA).

²A obra de Han, especialmente na categoria "Sociedade do Desempenho", é permeada pela construção geográfica e social do autor, nascido na Coreia do Sul e atualmente residente na Alemanha. Embora a reprodução social do capitalismo se manifeste em escala global, suas ferramentas de dominação apresentam diferentes configurações conforme a localização. A "Sociedade do Desempenho" se torna mais perceptível nas sociedades do norte global, enquanto no sul global apresenta-se de forma mais sutil, diretamente entrelaçada a formas diretas de dominação que são historicamente desenvolvidas pelos legados escravistas desses países.

No que tange a reprodução social da vivência cotidiana do indivíduo, Iamamoto dispõe:

Cabe reafirmar que a reprodução das relações sociais não se restringe à reprodução da força viva de trabalho e dos meios objetivos de produção [...] não se trata apenas de reprodução material no seu sentido amplo, englobando produção, consumo, distribuição e troca de mercadorias. Refere-se à reprodução das forças produtivas e das relações de produção na sua globalidade, envolvendo também a reprodução da produção espiritual, isto é, das formas de consciência social: jurídicas, religiosas, artísticas ou filosóficas, através das quais se toma consciência das mudanças ocorridas nas condições materiais de produção (1988, p.72).

Desse modo, considerando que muitos graduandos também são trabalhadores e, por sua vez, estão inseridos nas dinâmicas de reprodução social e "espiritual"³ do modelo de produção capitalista, os mesmos também estariam teoricamente inseridos na Sociedade do Desempenho, que se atualiza na reprodução da dominação social e assim estariam enfrentando seus possíveis efeitos.

Portanto, este artigo tem como objetivo investigar de que maneira a Formação acadêmica de estudantes de Serviço Social da UFPA é impactada pelas mudanças no mundo do trabalho na contemporaneidade, utilizando-se da categoria Transitoriedade conforme descrito na obra "Sociedade do Cansaço" de Byung-Chul Han. A metodologia adotada consiste em uma abordagem qualitativa de análise teórico-crítica, aplicada por meio de um questionário virtual aberto e semiestruturado na plataforma Google Forms, para seis graduandos(as) que se identificaram como trabalhadores(as) e conciliam suas atividades acadêmicas e profissionais. Torna-se válido destacar que não foi possível entrevistá-los diretamente devido ao ritmo de suas rotinas.

O critério de inclusão dos entrevistados considerou acadêmicos(as) da graduação que, obrigatoriamente, desenvolvessem funções laborais em qualquer esfera, desde empregos regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), até bolsistas acadêmicos e voluntários. Durante a entrevista, foram abordados tópicos como a pressão das constantes possibilidades de mudança, a efemeridade das relações sociais, o isolamento, a hiperatividade da rotina e o medo de que suas atividades profissionais não desenvolvam resultados duradouros.

³No contexto disposto pela autora.

Para facilitar a localização das menções a graduandos entrevistados ao longo da pesquisa, apresentamos a quadro abaixo. Nele, são detalhados o semestre em que cada discente se encontra, a relação de trabalho que mantém e as horas semanais dedicadas a essa atividade.

DISCENTES	SEMESTRE	RELAÇÃO DE TRABALHO	HORAS SEMANAIS DE TRABALHO
Graduando 1	5º Semestre	Estagiário	20h
Graduanda 2	6º Semestre	Bolsista	20h
Graduanda 3	6º Semestre	Estagiária	30h
Graduando 4	6º Semestre	Bolsista	20h
Graduanda 5	5º Semestre	Assistente Administrativa	30h
Graduanda 6	5º Semestre	Estagiária	20h

Quadro 1 – Perfil dos(as) discentes entrevistados. Fonte: Elaboração própria.

Destaca-se que a seleção da amostra foi realizada de forma aleatória, com o objetivo de capturar múltiplas perspectivas sobre a dinâmica social em que esses indivíduos estão inseridos. Considerando que os efeitos da transitoriedade são globais, todas as classes trabalhadoras são afetadas, incluindo trabalhadores informais, estagiários, autônomos e *freelancers*. Esse contexto sugere, teoricamente, um possível impacto que pode vir a influenciar negativamente a trajetória profissional.

O artigo está dividido em cinco seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção discute a estabilidade, analisando como as relações contemporâneas buscam segurança em um contexto de constantes mudanças. A segunda seção explora a durabilidade, relacionando a superficialidade das interações

sociais com a individualização e o desempenho. A terceira seção examina o isolamento, investigando as variações na experiência de desconexão social e profissional, apesar das afirmações de Han sobre o isolamento profundo na sociedade atual. A quarta seção analisa a velocidade das atividades diárias e seus efeitos negativos sobre a qualidade do trabalho e do estudo, devido à aceleração das demandas. Por fim, a quinta seção aborda o sentimento de descartabilidade entre graduandos.

2. ESTABILIDADE

O questionário iniciou com a seguinte pergunta: "Você considera sua vida estável ou sente que está constantemente à beira de mudanças? Se sim, como você lida com a pressão de possíveis transformações?"

A questão buscou investigar a percepção dos entrevistados sobre as possíveis mudanças em suas rotinas. De acordo com Han, a "desnarrativização" (*Entnarrativisierung*) geral do mundo reforça o sentimento de transitoriedade" (Han, 2017, p. 44). Nesse contexto, o sujeito social enfrenta um mundo desprovido de sentido além da lógica de reprodução capitalista, convivendo com a incerteza em relação ao "roteiro"⁴ do dia seguinte.

As respostas foram expressivas: 83,33% dos entrevistados destacaram a imprevisibilidade de suas vidas, relatando frustração, repressão e ansiedade diante da possibilidade de mudanças abruptas. Um dos graduandos afirmou que:

Sinto que estou sempre à beira de mudanças. Costumo lidar com a pressão transferindo essa ansiedade para os estudos da graduação e trabalhos de pesquisa, mas também procuro rolês e eventos para sair da rotina e viver de verdade. (Graduando 4, bolsista).

⁴A reprodução social do capitalismo, associada às mídias de comunicação, perpetuou por décadas a ideia de uma narrativa comum na vida ocidental, orientada pelo Sonho Americano; antes, acreditava-se que estudar garantiria um bom emprego. No entanto, essa narrativa perdeu sua credibilidade diante das novas configurações do capital na sociedade do desempenho, como descrita por Han, onde o esforço individual não oferece mais as mesmas garantias de sucesso e estabilidade.

Essa fala revela um esforço pessoal permeado por pressões sociais, transformando a ansiedade em motivação para concluir a graduação, ao mesmo tempo que expressa o desejo de fugir da monotonia diária. Para Han, "a preocupação com o bem-viver, que inclui uma convivência bem-sucedida, cede lugar, cada vez mais, à preocupação em apenas sobreviver" (Han, 2017, p. 33). O cansaço da rotina se entrelaça com a incerteza sobre qualquer forma de estabilidade, gerando um ciclo de coerção no processo de "tornar-se", em detrimento do "viver"⁵.

Já outra discente responde que:

Minha vida é imprevisível, sempre acontece algo não planejado, e não é fácil lidar com essa pressão. Sinto-me angustiada e cansada, como se precisasse estar ligada no 220 o tempo todo. (Graduanda 2, estagiária).

Essa exaustão surge como resultado de fatores externos que, no contexto da reprodução do capital, impõem ao indivíduo obrigações sociais que estão fora de seu controle. O cansaço torna-se parte inerente da rotina e se transforma, de uma condição biológica, em uma ferramenta de dominação. O sujeito ativo, porém cansado, não tem a vitalidade necessária para se rebelar, pois lhe falta descanso e tempo para si, essenciais para a construção de sua individualidade e construção psicossocial. Como afirma Han, "Comparada ao andar linear e reto, a dança, com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente ao princípio do desempenho" (2017, p. 35).

Apenas a Graduanda 5 (assistente administrativa) mencionou alguma estabilidade, onde comenta: "Vivo uma vida razoavelmente estável, porém com muitos desafios", sem, no entanto, detalhar os problemas enfrentados.

3. DURABILIDADE

O questionário seguiu com a pergunta: "Na sua opinião, a sociedade contemporânea proporciona relações duradouras ou relações cada vez mais temporárias e imediatistas?"

⁵ No sentido de explorar a realidade de acordo com suas próprias escolhas e exercer plenamente sua liberdade individual, em contraste com a mera sobrevivência no sistema de desempenho capitalista.

Essa questão buscou investigar como os entrevistados percebem as relações que permeiam suas vidas. Na sociedade do desempenho, as dinâmicas sociais são profundamente aceleradas, e o estado de "livre coerção" impede o investimento de tempo e energia em relacionamentos profundos. Para Han, aprofundar-se no outro torna-se um desafio em uma sociedade moldada por relações de poder que priorizam o ego e a individualização.

As respostas foram majoritariamente negativas: 66,67% dos entrevistados concordaram que as relações são cada vez mais temporárias e superficiais. Já 33,33% deram respostas positivas, ainda que com ressalvas. Em todas as respostas, destaca-se a percepção da superficialidade das relações.

Entre as respostas negativas, uma das graduandas afirmou que:

Infelizmente, as relações tendem a ser cada vez mais superficiais. Vivemos uma cronologia acelerada que dificulta o aprofundamento do olhar e da percepção sobre o outro" (Graduanda 5, assistente administrativa).

Sob a ótica de Han, essa fala ilustra como a vida acelerada dissolve a profundidade das interações e a capacidade de reconhecer-se no outro, com as obrigações laborais ocupando o centro das relações sociais. Não há tempo, exceto para a produção. A lógica do desempenho condiciona o sujeito para funções futuras, sujeitas a mudanças bruscas, o que coloca o desempenho acima do senso de comunidade.

Entre as respostas positivas, um dos discentes colocou que:

Acredito que é possível cultivar relações duradouras em nosso entorno, especialmente em uma rede de apoio, a partir de interesses mútuos e parcerias. No entanto, não se pode ignorar o caráter imediatista e líquido que novas relações sociais tendem a possuir (Graduando 4, bolsista).

De acordo com a perspectiva de Han, essa observação sugere que, embora seja possível construir vínculos duradouros nas disposições sociais contemporâneas, esses vínculos ainda enfrentam o risco de superficialidade e de não se consolidarem plenamente no cotidiano, transformando-se em "moedas de troca"⁶ para o avanço nas carreiras profissionais.

⁶Refere-se à ideia de construir uma relação apenas como um meio profissional para atingir um objetivo específico

No contexto do Serviço Social, a prática profissional se dá no contato direto com "o outro". Como aponta Yazbek:

No processo de divisão social do trabalho, o Serviço Social, como profissão, insere-se, desde sua emergência, no interior dos equipamentos socioassistenciais existentes, desenvolvendo uma atuação caracterizada: 1º pelo atendimento de demandas e necessidades sociais de seus usuários, podendo produzir resultados concretos nas condições materiais, sociais, políticas e culturais da vida da população com a qual trabalha, viabilizando o acesso a políticas sociais, programas, projetos, serviços, recursos e bens de natureza diversa. 2º por uma ação socioeducativa voltada às classes subalternas, interferindo em seus comportamentos, valores, modo de viver e pensar, formas de luta e organização, e em suas práticas de resistência atuação do Serviço Social na divisão social do trabalho se modifica e sofre redefinições com as mudanças nos contornos da questão social, mas permanece sempre referida aos processos de criação de condições fundamentais para a reprodução social da vida dessas classes (p. 13-14, 2017).

Antes da implementação de políticas públicas e da viabilização de “benefícios”⁷ o assistente social precisa reconhecer-se no indivíduo que atende. No entanto, essa possível nova dinâmica social pode tornar o reconhecimento do cidadão como sujeito de direitos dentro de uma relação social mais complexo, gerando, involuntariamente, interações superficiais que resultam em atendimentos igualmente superficiais.

4. ISOLAMENTO

Segundo Byung-Chul Han, “O eu pós-moderno está totalmente isolado” (2017, p. 44). Neste contexto, a próxima pergunta apresentada no questionário foi: “por vezes, você se sente isolado(a) socialmente, profissionalmente ou culturalmente? E, caso positivo, como lida com esse sentimento?”, com o objetivo de analisar as percepções dos discentes sobre o isolamento contemporâneo.

Apesar das afirmações de Han, 100% dos entrevistados negou sentir isolamento social e profissional. Contudo, uma das discentes destacou o isolamento cultural, afirmando:

Não me sinto isolada socialmente e profissionalmente, mas me sinto isolada culturalmente devido ao pouco tempo que tenho para ir, por exemplo, a um teatro ou assistir a um filme no cinema. Tenho mais tempo para isso aos finais de semana. Eu não lido com esse sentimento porque

⁷Refere-se ao direito socialmente adquirido por meio da luta política.

preciso trabalhar para ter meu dinheiro todo início de mês e ir para a faculdade, buscando ascender economicamente (Graduanda 2, estagiária).

As respostas indicam que, embora Han sugira um isolamento profundo na sociedade do desempenho, essa percepção pode não ser universal, apresentando variações de acordo com a experiência individual e o contexto social. A fala da Graduanda 2 ilustra um tipo de isolamento cultural mais relacionado à falta de tempo e de acesso a experiências culturais. Isso não se traduz, diretamente, em um isolamento social ou profissional, como Han poderia sugerir, mas em uma forma de exclusão mais vinculada à realidade econômica e ao uso do tempo, contexto da reprodução social sob o modelo de produção capitalista.

Ao mesmo tempo, essa fala revela uma faceta do capitalismo contemporâneo em que o tempo dos trabalhadores, mesmo daqueles ainda em formação, é consumido quase que inteiramente pelas obrigações econômicas e educacionais. Isso compromete o acesso a atividades culturais, que podem servir como formas de lazer e de desenvolvimento pessoal. O isolamento cultural, nesse sentido, poderia ser visto como um ciclo de exploração menos perceptível, mas que ainda contribui para a individualização.

Em paralelo, conforme sugerido por Marcia Tiburi (2014, p. 144):

Viver é 'menos', diria o dono do espírito para quem pensar pode ser um incômodo evitável. Aquele que consegue sentir-se dentro e confortável nas circunstâncias sociais, econômicas e imaginárias de nossa sociedade talvez tenha feito manobras radicais de autoengano, ou nunca tenha pensado sobre o que significa viver.

Assim, no presente contexto, o não isolamento pode se configurar como uma resistência ao capital, mas sem indicar conformismo. Trata-se, antes, de uma tentativa de manter um espaço de repouso e conexão entre os sujeitos, mesmo diante das dificuldades impostas pela vida contemporânea.

5. VELOCIDADE

O tempo do capital é imediato. A produtividade e o desempenho, enquanto categorias de dominação, acumulam-se em demandas sufocantes que ditam a velocidade do fazer profissional. Segundo o autor, "O sujeito do desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência" (2017, p. 25), e "reagir de imediato e seguir a todo e qualquer impulso já seria uma doença, uma decadência, um sintoma de esgotamento" (2017, p.

52). Com base nas ideias dispostas, a pergunta "você sente que realiza suas atividades diárias, como estudo e trabalho, de maneira acelerada e hiperativa?" buscou contextualizar os possíveis desdobramentos dessa hipervelocidade e as formas como os graduandos reagem a tal cenário.

Dos entrevistados, 66,67% responderam positivamente. A respeito disso, uma discente comentou:

Sim, muitas vezes faço até de uma maneira que eu não queria fazer, mas pelo pouco tempo que me resta é o que tenho como opção. Às vezes, estudando, eu vejo outros assuntos que acho interessantes, mas não consigo conciliar para estudar depois, pois naquele tempo estou ocupada com a atividade do momento. Quando termino, já há outra atividade para realizar, o que resulta em muitas atividades feitas de forma imediatista. Além disso, muitas vezes deixo de estudar por estar muito cansada depois do dia de trabalho e faculdade (Graduanda 6, estagiária)

Aqui, observam-se duas vertentes da nocividade da vivência ágil: a conclusão medíocre das demandas devido ao acúmulo de tarefas e a impossibilidade de aprofundar-se nos estudos por causa do cansaço físico e mental causado por essa dinâmica social. No modelo de produção capitalista, torna-se incompatível que o sujeito disponha de tempo para si. Além disso, a hiperconexão a serviço do capital rouba silenciosamente mais e mais tempo do trabalhador, seja por meio de mensagens diretas nas redes sociais, e-mails com demandas "urgentes", etc.; desta forma, mesmo à distância, haveria cobrança e pressão.

Outras respostas positivas foram simplesmente "sim", sem aprofundamento. Um entrevistado declarou não se sentir inserido no contexto discutido, mas também não expandiu sua colocação. Esta foi a única questão onde um dos graduandos não expressou opinião.

6. LEGADO

Transitoriedade, por definição, é a "característica, estado ou particularidade do que é momentâneo, temporário ou transitório; temporariedade". Conforme discutido na obra, a rotina demarcada pela cobrança autoimposta e pela sutil pressão externa⁸, associada à hiperconexão midiática, ao afastamento cultural e comunitário, e à alienação

⁸ A cobrança externa é considerada sutil por Han. No entanto, como apontado anteriormente, o cenário de exploração no sul global não é equivalente ao do norte global.

contemporânea, carrega o peso da "vida desnuda"⁹ (Han, P. 33 2017), onde "o trabalho desnudo e a vida desnuda condicionam-se mutuamente" (Han, p.45, 2017). Nesse contexto teórico, a vivência torna-se, de forma quase imperceptível, mera sobrevivência na sociedade do desempenho. O legado dessa sobrevivência, onde a força de trabalho é impedida de expressar sua individualidade e afastada da conexão psicossocial, é o esquecimento. Quantos de nós lembramos de nossas bisavós?

A pergunta "Você teme que seu fazer acadêmico e profissional não apresentem impactos significativos a longo prazo?" buscou apurar percepções sobre esse cenário.

83,33% das respostas foram afirmativas. A graduanda 5 (assistente administrativa, 30h semanais) declarou: "Sim! Por vezes sinto que sou descartável e facilmente substituível".

Para Han, a descartabilidade é parte da transitoriedade. O trabalhador se torna uma engrenagem na reprodução do capital, perdendo a conexão consigo mesmo em meio à busca por desempenho. Faleiros argumenta que:

O processo de produção da conscientização vincula-se ao processo de produção material. O trabalho, como prática produtiva, produz não só mercadorias, mas também a força de trabalho e, em determinadas relações, um conjunto de representações que o próprio trabalhador tem do mundo (p.100, 1997).

Assim, conforme a presente discussão, a consciência do trabalhador sobre sua condição, antes uma matriz de questionamento, passa a ser moldada pelo medo e pela ansiedade, decorrentes da incerteza sobre a construção de sua própria história. Essa condição não ocorre por acaso, mas sim, meticulosamente desenvolvida por dispositivos da classe dominante.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste artigo, a partir da obra "Sociedade do Cansaço" e dos dados obtidos com graduandos inseridos nas relações de trabalho, exemplificam de forma clara os debates teóricos de Byung-Chul Han, especialmente em relação à categoria da transitoriedade, quando aplicados à formação em Serviço Social. A conclusão da graduação e a inserção no mercado de trabalho são marcadas por múltiplas

⁹Para Han, "desnuda(o)" refere-se a algo sem propósito, mecanizado e alienado.

dinâmicas de dominação e coerção, que se reinventam constantemente na relação capital-trabalho.

Para Han, o ser social está imerso na transitoriedade do capitalismo tardio, onde o lucro imediato transforma todas as esferas da vivência em experiências igualmente imediatas. Como o autor destaca, "a queda da instância dominadora não leva a liberdade, ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam" (Han, 2017, p. 29). Nesse contexto, o desempenho individual torna-se a métrica do "ser" e do fazer profissional, levando o indivíduo a reagir com ansiedade e medo diante da falta de substância em uma sociedade em constante transformação.

O Serviço Social, no entanto, avança conforme as estratégias de dominação das elites se adaptam, e ao compreender os mecanismos utilizados nas ferramentas que redefinem a questão social, preserva sua capacidade crítica. Embora a formação esteja impactada pela lógica da sociedade do desempenho, o Serviço Social dispõe de dispositivos em suas dimensões teórico-metodológica e ético-política para enfrentar essa realidade e resistir a ela.

REFERÊNCIAS

- FALEIROS, Vicente de Paula. **Metodologia e Ideologia do Trabalho Social**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2. ed. ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- IAMAMOTO, M. V.; CARVALHO, R. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: Esboço de uma Interpretação Teórico-Metodológica**. São Paulo: CELATS/Cortez, 1988.
- TIBURI, Marcia. **Filosofia Prática: Ética, Vida Cotidiana e Vida Virtual**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- YAZBEK, M. C. **O significado Sócio-Histórico da Profissão**. In: CEFESS / ABEPSS. **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.